



# PÓVOA DE VARZIM

## ACTAS *encontro* XX

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS

# APEAA

**Título:** Actas do XX Encontro da A.P.E.A.A.  
**Edição:** Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos  
**ISBN:** 972-95922-2-5  
**Depósito legal:** 149717/00  
**Tiragem:** 500 exemplares  
**Execução gráfica:** Rainho & Neves. Lda. / Santa Maria da Feira  
Abril de 2000

## Comunicações

---

Grupo 3 · Paineil 14

# Vitorianismo e Bloomsbury

Maria Cândida Zamith

Universidade do Porto

... what may appear to readers of one generation as winning trustfulness in an author, to a previous generation may have seemed spiritual indelicacy, or may seem to the next a lack of frankness.

(Desmond MacCarthy)

Empregar os termos «Vitorianismo» e «Bloomsbury» pode ser bastante traiçoeiro, pois ambos são variegadamente abrangentes. Os «early», «middle» e «late Victorian periods» em que alguns subdividem o espaço de tempo inglês que vai da primeira *Reform Bill* ao reinado de Eduardo VII, e que outros, não menos abalizados historiadores e críticos reduzem a dois: um ascensional, anterior à *Great Exhibition* de 1851 e um segundo, ainda fulgurante mas de lento declínio, a partir dessa data até inícios do século XX, são, pelos mais puristas, considerados como um só, circunscrito ao efectivo reinado de Victoria, isto é, de 1837 a 1901.

Por sua vez, o termo «Bloomsbury», como abreviatura de «Grupo de Bloomsbury» – que, aliás é, também e ainda, uma condensação que visa englobar toda uma atmosfera intelectual e artística, uma forma de viver e de pensar que rompeu, a vários níveis, com os hábitos e convenções vigentes e teve uma influência decisiva na viragem do antigo para o novo, do conservadorismo para a modernidade – pode ser considerado como vagamente abrangente de tudo o que ficou dito, contemplando mais essa tal «atmosfera» e as suas consequências para a evolução literária e artística, ou então, sendo embora uma designação de uma palavra só, de cariz tão marcadamente local e particular, pode prestar-se a diferentes interpretações e periodizações. O grupo formado pelos filhos de Sir Leslie Stephen e seus amigos, que Leon Edel apelidou de «young liberated Victorians», conheceu vários núcleos e franjas, vários períodos de maior relevância, intercalados com outros de relativo apagamento, e acolheu diferentes personalidades, de diferentes áreas intelectuais,

ao longo de algumas décadas decisivas para a formação do espírito inglês do século em que vivemos. O «Old Bloomsbury» anterior à primeira Guerra Mundial, que Virginia Woolf recordou para os seus amigos em 1922 num texto com o mesmo nome, pode, segundo S.P. Rosenbaum, dividir-se em três «capítulos»: o primeiro até à morte de Thoby Stephen em 1906, o segundo até à primeira exposição pós-impressionista em Londres, em 1910, e o terceiro até 1914. Os mais relevantes dos seus membros foram certamente Vanessa e Virginia Stephen, Clive Bell, Lytton Strachey, Duncan Grant, Roger Fry, Desmond MacCarthy e John Maynard Keynes; Thoby Stephen, o verdadeiro fundador do grupo, teve nele uma vida efémera; Leonard Woolf só se tornou influente depois do seu regresso definitivo de Ceilão, em 1911; E.M. Forster foi sempre um elemento um pouco lateral. Depois da Guerra, o espírito associativista reaceceu-se sobremaneira com a criação do «Memoir Club» em 1920: sessões em que cada um partilhava com os outros, de forma sincera e desinibida, reminiscências de acontecimentos da sua vida. Do grupo faziam agora parte, para além dos sobreviventes do primeiro período, os membros mais novos que a ele se juntaram por laços familiares ou de amizade. O mais destacado poderá talvez considerar-se David Garnett, que viria a casar-se com Angelica, a filha de Vanessa e Duncan. Sobre a vigência do grupo há várias opiniões, havendo quem considere apenas a segunda fase, ou seja, depois da primeira guerra mundial, como é o caso do próprio Leonard Woolf (embora este falasse inicialmente nos anos 1912-14) (Woolf 114), ou ainda de A.C. Ward e David Lodge.

É inegável que estas duas grandes divisões histórico-literárias – Vitorianismo e Bloomsbury – se imbricam a nível temporal; mas, mediante uma atenção que pode apenas limitar-se a ultrapassar o mais ostensivo e superficial, é igualmente verificável que essa imbricação atinge também os campos das ideias e das formas.

Para as considerações que pretendo fazer, interessa-me pensar «Bloomsbury» como o grupo dos jovens intelectuais de vanguarda que romperam com as tradições espartilhantes – já, contudo, a abrirem brechas aqui e além – das instituições e das convenções moralistas vitorianas, ou seja, o grupo que «consisted of monied middle-class descendants of Victorian literary splendour», como Dennis Brown os classifica (46). E, como Vitorianismo, terei em mente a geração anterior à dos membros do grupo de Bloomsbury, o que, de caso a caso, terá um significado diferente. Não haverá, pois, limites temporais estanques, mas apenas apontamentos sobre ruptura e continuidade entre gerações.

Por volta de meados do século XIX, naquele período entre 1851 e 1867 que Asa Briggs apelida de «high-Victorian England» porque «a crucial one in the development of English national consciousness», viveram muitos dos «pais» de Bloomsbury, expressão que, logo à partida, tem o seu quê de curioso pois, se é certo que esses – geralmente ilustres – vitorianos foram efectivamente os pais biológicos dos jovens de Bloomsbury, não é menos verdade que eles estiveram muito longe de ser os declarados pais espirituais do grupo, os construtores da sua «frame of mind» que,

aliás, teve precisamente origem e se fortificou em clara oposição a tudo quanto eles, «high-Victorian People», consideravam respeitável e, até, sagrado.

Mais uma vez tenho de retomar uma palavra que acabei de utilizar, para contextualizá-la devidamente, pois é característico deste período Victoriano que os conceitos e significados sejam moveções e, não raro, difíceis de definir. Na segunda metade do século XIX a designação de «sagrado» já não tinha a conotação de «divino», «inquestionável», «intocável» que circunscrevia a palavra ao âmbito da religião. Sagrado já não é, na época vitoriana, aquilo que se liga a Deus, o Deus único das Escrituras, mas tudo aquilo que garante ao homem a aceitação e o apreço da sociedade em que vive: o amor à pátria e à família, a honestidade, a seriedade, sobretudo essa célebre «earnestness» vitoriana à qual era preciso tudo sacrificar – pelo menos na aparência. Como vários críticos do nosso século têm defendido, a maior parte dos vitorianos, sobretudo até 1870, quando «a series of things converged to suggest the relativity of knowledge and the subjective character of thought» (Houghton 14), desejavam ardentemente manter-se na tradição religiosa (mesmo Darwin, cujas tentativas para conciliar as suas descobertas com a sua crença são notórias), mas não podiam esquivar-se à «atmosphere of unrest and paradox» de que fala Thomas Arnold já em 1838, como lembra Walter Houghton (8). Esta atmosfera derivava sobretudo das duas mutações básicas sofridas gradualmente ao longo do século: o avanço tecnológico e as descobertas científicas que começavam a pôr em causa a infalibilidade dos dogmas evangélicos. John Wesley tinha feito muito para reavivar a fé calvinista; e o grupo de prosélitos do seu movimento que deram origem ao Evangelical Revival foram bastante bem sucedidos em acordar consciências, particularmente a nível filantrópico e social. Porém, os seus esforços, tal como os dos «Tractarians» que frequentemente com eles se confundem, não foram igualmente recompensados no que respeita à desejada consolidação da fé tradicional: em breve as posições se extremaram e o que nascera para unir resultou em divisões internas que mais confundiam e alienavam do que convertiam.

Se é certo que para estudar um período histórico não há melhor caminho do que começar a estudar a sua literatura, neste caso foram os sermões e autobiografias dos «Tractarians» e «Dissenters» que mais ajudaram a esclarecer a nebulosa questão das alternâncias religiosas. Entre «National Apostasy», o sermão de Keble que começou o Oxford Movement, e o controverso «Tract XC» de John Henry Newman que marcou a sua passagem para o Catolicismo, ficam bem patentes as dúvidas e as lutas de consciência que afligiram o homem religioso e tradicionalista do século XIX. Em sequência e contraste, o ambiente espiritual em Bloomsbury era o mais livre possível, deslizando de um agnosticismo assumido, já largamente absorvido da geração anterior, até um ateísmo atrevido e irreverente. Por exemplo: Vanessa conta-nos que, quando uma professora bastante piedosa perguntou o significado de «Good Friday», «Virginia began to giggle. Of course we hadn't the slightest idea, being little heathens.» (Bell 334) A atitude geral do grupo quanto a religião nota-se claramente

pela posição de progressivo distanciamento assumida por T.S.Eliot quando se converteu ao Anglo-Catolicismo.

Também a ficção, até ao fim do século – «novels of faith and doubt» –, reflecte bem a insegurança e a ambivalência dos seus autores relativamente às crenças religiosas e até, posteriormente, conforme os anos iam avançando e as conquistas humanas se fortaleciam e aumentavam, também relativamente à própria sociedade e à sua moral e costumes. George Eliot, Walter Pater, Charles Dickens, Samuel Butler sobretudo, foram, com as suas implícitas ou abertas questionações, preparando o caminho para as posições revolucionárias assumidas ostensivamente pelos jovens da geração seguinte que, conforme assinala Leon Edel, «could annihilate so many tried values with a phrase, be sexually ambiguous, treat sacred matters – and particularly the Victorian sacred – as if they didn't matter at all» (45).

Do lado da filosofia também havia uma preocupação de não cortar drasticamente com a Religião instituída, mas procuravam-se substitutos capazes de ampararem os ex-crentes. Todos os que já não acreditavam nos antigos dogmas, mas tinham relutância em sentir o desamparo do ateísmo, procuravam com empenho sucedâneos de Deus para adorar. Assim é que se pode, de certo modo, inferir e entender que William James tentasse substituir a Religião pela Filosofia, Matthew Arnold pela Cultura, Walter Pater pela Estética e George Edward Moore pela Beleza. William e Henry James são referências na intertextualidade literária de Bloomsbury. O pensamento contestatário de Mathew Arnold repercute-se, em memória ou rejeição, no grupo em geral e em Forster em particular. «Forster» – diz-nos Rosenbaum – «is Arnoldian in his realization of the lack of coherence, of fraternity, in liberalism». A estética de Pater e o seu estilo transparecem em artistas e escritores. Mas foram as ideias de Moore as que encontraram eco mais directo entre os estudantes de Cambridge que viriam a reunir-se em Bloomsbury, na casa dos Stephen em Gordon Square. Além do mais, essas ideias novas realçavam as relações pessoais a par da experiência estética e desafiavam a tradicional postura puritana de desconfiança perante a beleza, encorajadora de imoralidade, opondo-se, por outro lado, à conclusão utilitarista de que a beleza não interessa porque não é útil. Da herança vitoriana parental, recebida directamente sobretudo de Leslie Stephen e de John Neville Keynes, – o Utilitarismo de Bentham adaptado por John Stuart Mill – os jovens passaram, através de Moore, para um Consequencialismo enraizado na distinção entre bem como meio e bem como fim em si próprio. S.P. Rosenbaum detém-se nas gradações desta apropriação, explicando: «This distinction is engrained in Bloomsbury's thinking and writing. With it Strachey and others were able to reduce those large Victorian notions of duty and virtue to their proper size as matters having to do with the right means to good ends» (382). E prossegue chamando a atenção para uma evolução semelhante a nível político: do liberalismo de Mill para um socialismo sem Marx. Este percurso ideológico levaria às propostas políticas de John Maynard Keynes: «economic efficiency, social justice, and

individual liberty», e ao anti-imperialismo de Leonard Woolf, Lytton Strachey e E.M. Forster. Com a mesma base se desenvolveu o liberalismo sexual característico de Bloomsbury mas que, ele também, não foi inédito. Como exemplo, é de lembrar que, já em 1867, Francis Newman, escrevendo no *Fraser's Magazine*, refere «a theory upheld by earnest persons of both sexes... concerning 'free love' which... would supersede marriage» (Houghton 365). No fundo, a maior inovação nos costumes, trazida por Bloomsbury, foi o facto de o seu modo de vida ser assumido simples e abertamente, mais como uma directiva que se adopta do que como uma atitude dogmática que se apregoa.

A nível literário, a reacção anti-vitoriana teve, talvez, o seu expoente máximo em Lytton Strachey (Walter Houghton fala mesmo de um «movimento anti-vitoriano representado por Lytton Strachey» [10]): com a ironia e o profundo sentido crítico patenteados em *Eminent Victorians*, ele desmitificou muitos dos sacrossantos valores apregoados no século XIX. Mas Strachey não foi o único. Basta lembrar o célebre ensaio de Virginia Woolf «Mr. Bennet and Mrs. Brown» que, atacando embora escritores pós-vitorianos, não deixa de ser uma afirmação de ruptura face ao tradicional, um manifesto de Bloomsbury – como lhe chama Rosenbaum –, manifesto que instala e assume novas formas de conceber e escrever a ficção. Todos os membros do grupo primavam pela rebeldia e se deleitavam na contestação: faziam o que lhes apetecia, viviam com quem e como mais apreciavam, não punham freios aos costumes nem à linguagem. Em «My Early Beliefs» (escrito para ser lido no Memoir Club), J.M. Keynes realça a dívida de Bloomsbury a Cambridge e a liberdade assumida pelos seus membros «to take an ironic view of the Victorian mores.» Na realidade, eles não pretendiam impor-se à sociedade nem modificá-la; apenas se queriam impor a si próprios: os Stephen, por oposição a uma vida abafadoramente tradicional; e, em geral, os ex-estudantes de Cambridge na busca da continuidade da vida académica com as suas afirmações de liberdade, de protesto e de descoberta. O grupo, aliás, não era formal nem implicava associação ou regras como, por exemplo, o prestigiado grupo dos *Cambridge Apostles* a que alguns pertenceram; eram, apenas, jovens de gostos semelhantes, que apreciavam reunir-se e discutir entre si assuntos de interesse comum. Quanto a esses assuntos, cito uma afirmação de Wilfred Stone numa carta para David Garnett (um «Bloomsbury» tardio): «as Virginia Woolf herself said of the original group: 'Politics and philosophy were their chief interests. Art for them was the art of literature; and literature was half prophecy' [Roger Fry 51]» (184). Entre parêntesis, pode-se reparar que esta característica de profecia ligada à literatura não é absolutamente nova, e muito acompanhou os escritores mais influentes do período vitoriano, quando a sensação de desamparo, pela quebra de confiança na autoridade da Bíblia, levou as pessoas a virarem-se «para a literatura como autoridade e para o escritor como profeta». Houghton, que realça este particular, apresenta como exemplo uma citação de Froude, que afirma «Carlyle taught me a creed which I could then accept as really

true... Then and always I looked, and have looked, to him as my master.» (101-2). É de notar o contraste entre o patente proselitismo de Froude e a ostensiva independência intelectual de Bloomsbury.

Não foi apanágio dos escritores de Bloomsbury confessarem as influências que receberam dos seus predecessores mais chegados. No entanto, na sua preocupação de se demarcarem do Vitorianismo, esqueciam-se que, na generalidade, seguiam na pegada de Vitorianos célebres, pelo menos em dois pontos: por um lado, a questionação de Deus e da infalibilidade e, até, da necessidade da religião instituída; e, por outro lado, o gosto pelo confessionalismo e a autobiografia. Os próprios ataques que dirigiam aberta e violentamente à sociedade em que nasceram, inseriram-se, afinal, como que numa linha de continuidade, na mesma rota dos protestos já iniciados de forma veemente por autores como – para mencionar um exemplo marcante – Samuel Butler, cuja influência em Bloomsbury é bem demonstrada por William van O'Connor. Diz este autor, entre outros pormenores: «Strachey, apparently, did not think of himself as especially indebted to Butler. But one cannot read *Eminent Victorians* without seeing Butler laughing silently in the shadows. Again, neither Clive Bell nor David Garnett, although they have read Butler, think of themselves as being especially indebted to him. Yet, the varieties of hedonism expressed in Bell's *Civilization* or in Garnett's *Aspects of Love* are in the Butler line.» No entanto, O'Connor concede que Virginia Woolf «gives Butler credit for opinions that she or her generation think of as new.» (265)

Se Virginia Woolf reconhece a influência de Samuel Butler, o mesmo não acontece quanto a Walter Pater, embora vários críticos encontrem muito de pateriano nos seus escritos, chegando Perry Meisel a considerar Pater o «Absent Father» desta escritora. Também Tindall afirma que «She [Virginia Woolf] was as meticulous as Pater, whom she echoed» (17). Aliás, Pater é precisamente um dos vitorianos cujas ideias e cujos escritos abriram caminho à contestação irónica dos membros do grupo de Bloomsbury, permitindo-lhes «set the tone of their era», como diz O'Connor. Há certos excertos de textos de Virginia Woolf que, se colocados lado a lado com outros de Walter Pater dificilmente se distinguiriam deles, tal como aconteceu com os trechos desta escritora e os de Laurence Sterne que E.M. Forster escolheu em *Aspects of the Novel*.

O grupo de Bloomsbury teve detractores, tanto na dificuldade de aceitação imediata como por parte da crítica posterior. Entre os contemporâneos, e para ressaltar a ambivalência de sentimentos que o grupo atraía, pode-se citar Frank Swinnerton, que considera haver «a conflict between its performance and its presumption», e que acrescenta: «Ostentatious refinement, indeed, is a part of its assertion of superiority; and I have so long believed all ostentation to be vulgar that I am sure, Bloomsbury, at heart, is vulgar» (336-37). No entanto, ele mesmo passou uma noite a ler com deleite *Eminent Victorians*, alheio aos perigos de um ataque aéreo. Certamente que situações semelhantes ocorreram na época, e não só com a



obra de Strachey. É preciso ter em consideração o estrato intelectual de todos os membros de Bloomsbury, o que dava ao grupo uns laivos de snobismo natural que hostilizava pessoas que a ele não pertenciam, como aconteceu com o próprio D.H. Lawrence. Quanto à crítica posterior, a campanha do casal Leavis foi certamente responsável pela quebra de prestígio que o grupo em si mesmo e as obras dos seus membros sofreram; na década de 1950, como diz Noel Annan em *Our Age: Portrait of a Generation*: «[t]hose who sat at Leavis's feet began to move into positions of influence» pelo que «by the seventies hardly a good word was ever spoken of Bloomsbury.» A comprovar, B.C. Rosenberg e J. Dubino recordam que, em 1972, David Lodge apresenta Virginia Woolf em *Twentieth Century Literary Criticism* como «the daughter of Leslie Stephen, man-of-letters and first editor of the *Dictionay of National Biography*». Inserindo-a no grupo de Bloomsbury, Lodge considera que este «exerted considerable (some would say excessive) influence over English literary and intellectual life between the wars.» (6). Porém, desde então a fama de Bloomsbury e o interesse académico que suscita não têm parado de crescer e, relativamente a Virginia Woolf, sobretudo a partir da apropriação feminista das suas obras.

Por mais díspares que sejam as apreciações que Bloomsbury tem suscitado ao longo dos anos, não há dúvida que, mesmo sem estatutos, os seus membros formaram um verdadeiro grupo, de grande influência na literatura anglo-saxónica: uma «coterie», talvez, quando visto segundo a opinião depreciativa de F.R. Leavis, mas, de certeza, uma identidade quase familiar, leal ao espírito de equipa, onde todos – como nota Noel Annan – «closed ranks against the rest of the world, and would appeal to each other's wisdom and regarded a question in, say, politics as settled if Leonard or Maynard had spoken» (397). Bloomsbury trouxe ao ambiente literário a frescura da modernidade e muito contribuiu para a viragem decisiva de que ainda hoje todos beneficiamos. E fê-lo apesar dos laços que continuaram a prendê-lo, mau grado seu, às lições recebidas de pais e avós; ou, talvez, fê-lo precisamente porque aproveitou muito do que de bom recebeu das gerações anteriores, mesmo sem ter essa percepção nem o ter desejado.

## Obras citadas

- ANNAN, Noel. «Bloomsbury and the Leavises». *Virginia Woolf: Critical Assessments*, vol. I, ed. Eleanor McNeas. Mountfield: Helm Information, 1994, pp. 390-402.
- BELL, Vanessa. «Notes on Virginia's Childhood». *A Bloomsbury Group Reader*, ed. S.P. Rosebaum. Oxford: Blackwell Publishers, 1993, pp. 331-35.
- BRIGGS, Asa. *Victorian People: A Reassessment of Persons and Themes 1851-67*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972 (revised).
- BROWN, Dennis. *Intertextual Dynamics Within the Literary Group – Joyce, Lewis, Pound and Eliot: The Men of 1914*. Houndmills: Macmillan, 1990.
- EDEL, Leon. *Bloomsbury: A House of Lions*. London: Penguin Books, 1988.
- HOUGHTON, Walter E.. *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*. New Haven & London: Yale University Press, c. 1957.

- O'CONNOR, William Van. «Samuel Butler and Bloomsbury». *From Jane Austen to Joseph Conrad (Essays in memory of J. Hillhouse)*, ed. Robert Rathburn and Martin Steinmann Jr.. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1958, pp. 257-73.
- ROSENBAUM, S.P. «Virginia Woolf and the Intellectual Origins of Bloomsbury». *Virginia Woolf: Critical Assessments*, vol. I, ed. Eleanor McNees. Mountfield: Helm Information, 1994, pp. 378-89.
- ROSENBERG, Beth Carole, e Jeanne Dubino (ed.s). *Virginia Woolf and the Essay*. London: Macmillan, 1997.
- STONE, Wilfred. «Some Bloomsbury Interviews and Memories». *Twentieth Century Literature*, vol. 43 n°. 2. Hempstead, N.Y.: Hofstra University, Summer 1997, pp. 177-95.
- SWINNERTON, Frank. «Bloomsbury». *Virginia Woolf: Critical Assessments*, vol. I, ed. Eleanor McNees. Mountfield: Helm Information, 1994, pp. 335-65.
- TINDALL, William York. *Forces in Modern British Literature: 1885-1946*. Freeport, N.Y.: Books for Libraries Press, 1970.
- WOOLF, Leonard. *Downhill All The Way: An Autobiography of the Years 1919 to 1939*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.